

# A memória do futebol praticado por mulheres: semelhantes trajetórias no Brasil e na França?

**Carmen Rial**

*El deporte colectivo opera transformaciones personales descomunales en quienes lo practicamos, porque cada vez que le das un pase a una compañera adentro de la cancha te quedas menos sola en la vida. Porque cada vez que una pierde una pelota y la puedo recuperar es mucho más que una pelota lo que recupero, es probar que puedo y quiero y me voy a matar para cuidar la espalda de todas las que juegan conmigo. Porque cuando una mete un gol y salimos corriendo para festejarlo, no estamos festejando el ingreso de la pelota al arco, estamos ejerciendo la alegría de haber alcanzado una meta cuya condición para lograrla fue ponernos de acuerdo para hacerlo. El fútbol ...es solidaridad en formato físico, un entrenamiento para transformarnos por dentro y por fuera, como la flor de loto que surge desde el barro.*

Silvina Giaganti<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/las12/13-8912-2014-06-15.html>.

## Introdução

O futebol praticado por mulheres<sup>2</sup> no Brasil e na França tem mais pontos em comum do que se pode imaginar, e não me refiro ao fato de que hoje algumas das principais futebolistas brasileiras trabalham em clubes franceses. Buscamos neste capítulo analisar a história do futebol praticado por mulheres no Brasil e na França, mostrando que a trajetória desse esporte guarda grandes semelhanças entre um país e outro. No texto exploramos alguns dos pontos comuns em suas histórias, buscando ver sua importância também no projeto de estender os limites do permitido para o gênero. Iniciando como um show caricatural, hoje pode ser considerado parte do ‘sportscape’ (ROSSO, 2010), caracterizado pela institucionalização, formação de atletas, fluxo migratório no sentido sul-norte global, entre outros atributos que ligam a cena local do futebol praticado por mulheres ao cenário global. Esporte mais popular no mundo, o futebol, quando praticado por mulheres, coloca em cena estereótipos de feminilidade e masculinidade, e tende a contribuir positivamente para o alargamento dos limites do que é próprio às mulheres, subvertendo fronteiras de gênero.

### A cada gênero, um futebol?

O futebol e os esportes em geral, como tantas outras expressões culturais, são parte do que consideramos divertimento. E divertir, como a etimologia da palavra indica, serve a nos recrear, distrair e também desviar (como a etimologia da palavra sugere) de preocupações. Eles não têm uma função social prática direta, como poderiam pensar os que já os qualificaram de

---

2 Prefiro usar “futebol praticado por mulheres” a “futebol feminino” por entender que esta última é uma categoria imprecisa, ainda que consagrada entre os futebolistas, jornalistas e espectadores/leitores. O futebol é um e mesmo, seja praticado por homens ou mulheres. Ele não se torna “feminino” ao ser praticado por mulheres. “Futebol feminino” para designar a modalidade implica que ele seria essencialmente outro quando praticado por mulheres, mais feminino, e além disso, a fórmula linguística reforça a ideia de que o futebol é um esporte para homens, uma vez que, se usado sem qualificativo (feminino, masculino), remete ao futebol praticado por homens.

‘ópio do povo’. Isso não significa estar totalmente distanciado das injunções sociais: o futebol apresenta diferentes estilos na sua prática, sendo revelador do ethos social – ethos entendido aqui, como em Geertz (1973, p.89), como sendo “o tom, o caráter, e a qualidade de suas vidas, sua moral e estilo estético”, ou, anterior e mais resumidamente, como em Bateson (2008, p. 95–96), como sendo os aspectos afetivos padronizados do sujeito (em contrastes com os aspectos cognitivos). Um ethos teria na sua delimitação fronteiras simbólicas. Como delimitá-las? Permito-me, aqui, num amálgama bastante heterodoxo, evocar Bourdieu junto a Bateson e Geertz pois considero as noções de capital social, cultural e econômico (BOURDIEU, 1979) eficazes para delimitar fronteiras de ethos em sociedades modernas contemporâneas. Pensando em termos de ethos e de diferentes capitais, seria incorreto pensar em um “estilo brasileiro” (ou argentino, ou sul-americano) de se jogar futebol ou um “estilo inglês” (ou europeu, ou balinês). E nem as mulheres produziram um estilo “feminino” de futebol. Dai preferir designar como “futebol praticado por mulheres” o que normalmente é chamado de “futebol feminino”.

Outras explicações foram dadas aos diferentes estilos de jogo. As análises culturalistas, por exemplo, buscam em elementos como nação, raça, gênero como chaves explicativas para as diferenciações no estilo de jogo, criando correspondências entre fronteiras nacionais, de origens étnicas ou de gênero e um modo de expressão particular na prática do futebol. Negar uma explicação culturalista não significa negar particularidades, estilos de jogos diferenciados, mas sim considerar que essas especificidades têm outras determinações na sua origem e manutenção. Não é incorreto se pensar em termos de um estilo de “jogo bonito” ou de “futebol força”, mas aceitar que possam ser praticados em lugares tão distantes quanto Barcelona ou a praia do nordeste brasileiro para o primeiro, e a Alemanha e a pampa Argentina para o segundo.

De outra parte, é importante notar que, ainda que seja uma expressão cultural – como também o são a bolsa de valores ou as religiões<sup>3</sup> –, o futebol

---

3 Sobre a aproximação entre futebol e religião, ver Rial (2010).

guarda certa autonomia em relação à sociedade em que está inserido. Seria, portanto, mais preciso pensar o futebol em termos de ‘campo’ (BOURDIEU, 1979) futebolístico, apresentando regras próprias, certa independência, não se subordinando a imposições externas, sejam econômicas ou religiosas, por exemplo. Em resumo, o futebol exprime, mas não é reflexo da sociedade onde se insere; tem certa autonomia, mas não ocorre em um espaço etéreo impermeável às injunções sociais; expressa o ethos de praticantes, mas não pode ser diretamente relacionado a nação, raça ou gênero.

Podemos afirmar que há uma relação clara entre o lugar designado à mulher (e ao homem) em uma sociedade dada, as relações de gênero e a prática do futebol? Arrisco dizer que o grau de liberdade ou submissão da mulher em um dado espaço social pode ser aferido pela sua distância da prática dos esportes hegemônicos nessa sociedade.

Uma vez feitas essas precisões preambulares, que têm o propósito de nos ajudar a entender como processos sociais e históricos similares no futebol podem ocorrer em lugares e sociedades distintas, passemos ao que importa: o caso do futebol praticado por mulheres no Brasil e na França, e sua contribuição para o alargamento do permitido às mulheres e para a transformação das relações sociais de gênero

Ao contrário do futebol praticado por homens, o de mulheres não tem sua origem nem na Igreja católica ou nos *colleges* (como na Itália, nos países anglo-saxões, na França) nem entre os clubes de elite ou nas fábricas (Brasil). Na França, ele não contou com o suporte dos dirigentes das grandes indústrias que apoiaram a modalidade praticada por homens em Lens, Sochaux (Peugeot), Saint-Etienne (Geoffroy Guichard/Cassino), ainda que o futebol dos homens tenha recebido somas incomparavelmente menores do que as consagradas ao ciclismo, o *vélo*, o esporte que emocionava a todos (ARCHAMBAULT, 2016). E com somas ainda menores do que as recebidas na Itália pela Juventus de Turin da família Agnelli, proprietária da Fiat. São as pequenas empresas (PME) que financiam o futebol de homens na França até os anos 2000, visando a uma notoriedade mais local e nacional do que internacional.

E o futebol praticado por mulheres?

## Os inícios

É no Reino Unido, como vimos, que devemos buscar as raízes do futebol de mulheres, tanto o francês quanto o brasileiro. E estas raízes se estendem ao final do século XIX, à Inglaterra, considerada a criadora do esporte mais popular do mundo. Se a partir de 1886<sup>4</sup> os homens já desfrutavam de jogos com regras e árbitros nos *colleges* (onde às mulheres era vetado o ingresso), foi ainda no século XIX que se fundou a British Ladies' Football Club – uma espécie de associação de futebol feminino britânico que marca o início do que poderíamos considerar como a primeira onda do futebol praticado por mulheres. Mas, mesmo antes de 1886, considerado como o ano fundador do futebol como esporte moderno, há registro de uma partida entre mulheres. Por exemplo, o 9 de maio de 1881, em Edimburgo, opondo uma seleção escocesa a uma inglesa, jogo que mereceu atenção do jornal *Glasgow Herald* menos pela performance desportiva (“o jogo foi um fracasso, ainda que algumas parecessem entender o jogo”) e mais pelas vestimentas das participantes, que fizeram jus à metade do curto artigo do jornal<sup>5</sup>. O registro seguinte em outro jornal, também em Glasgow, uma semana depois, mostrou que não seria tranquila a afirmação do futebol “feminino” no mundo, tendo que enfrentar uma forte misoginia. Cinco mil espectadores invadiram o gramado antes de uma partida, e, segundo a descrição do jornal *Dunfermline*, eles empurraram as jogadoras com violência, fazendo com que tivessem que se refugiar no ônibus que as conduzira até o local. O veículo foi alvejado com as traves destruídas. “Se não houvesse policiais, elas teriam sido feridas”, conclui o jornal.

---

4 Jogos similares ao futebol existiram bem antes: na China, entre indígenas na América,

5 “As jovens, que deveriam ter entre 18 e 24 anos, estavam muito bem vestidas. As mulheres escocesas usavam camisetas azuis, calça branca, meias vermelhas, cinto vermelho, botas de salto alto e capuz azul e branco. Suas irmãs inglesas tinham camisas brancas e azuis, calças justas e cinto azul, botas de salto alto e capuz branco e vermelho” (tradução minha). Disponível em: <https://www.sofoot.com/blogs/foutapapa/aux-origines-du-foot-feminin-151535.html>. Consultado em: 20 jul. 2020.

As manifestações misóginas decresceram com o tempo e, ao contrário, o esporte ganhou grandes plateias no Reino Unido. A história registrou, já em 1920, uma partida de futebol entre mulheres em Preston que teve um público de mais de 50 mil pessoas, e, segundo dizem, muitos ficaram do lado de fora. Outra equipe britânica, a Dick, Kerr's Ladies, fundada em 1917 e que existiu por 48 anos, teve suas façanhas conhecidas do outro lado do Atlântico, pois excursionou pelos Estados Unidos, vencendo equipes formadas por homens, graças especialmente à presença da goleadora Lilly Parr, a primeira atleta do esporte a se identificar publicamente como lésbica. Foi contra elas que uma equipe francesa liderada pela mítica defensora dos esportes para mulheres, Alice Milliat, jogou no que foi considerada a primeira partida internacional de futebol feminino, em 1920.

O século XX viu os homens europeus se ausentarem dos lares para lutar na Primeira Guerra Mundial, e viu a prática do futebol se tornar comum entre as esposas dos soldados ausentes no combate e as mulheres de modo geral – a equipe do Dick, Kerr's Ladies, por exemplo, foi formada pelas trabalhadoras de uma fábrica contratadas para substituir os homens na fabricação de munição para a guerra de 1914 e que iniciaram a praticar o futebol no tempo livre para o chá. Na França, o primeiro registro é de 1917, quando duas equipes do Fémina Sport, clube parisiense fundado em 1912 por professoras de Educação Física, se afrontam numa partida com pouca repercussão.

Em outros países da Europa e da América se registram partidas entre mulheres. Porém, com o fim do conflito e retorno dos maridos aos lares, a Federação do Reino Unido proibiu o esporte em 5 de dezembro de 1921, por considerá-lo “inadequado para as mulheres”. Não apenas o futebol foi proibido, mas diversos outros esportes, e não apenas os esportes mas diversas esferas da vida social que tinham sido apropriadas pelas mulheres, com incentivo dos Estados, na ausência dos homens.

Outros países seguiram o caminho britânico de proibição do futebol às mulheres ao longo dos anos, como Brasil, Alemanha e Holanda, mas apenas no Brasil tivemos uma legislação estatal dando conta dessa interdição

(ELSEY; NADEL, 2019). Foi somente no fim dos anos 1960 que se verificou uma maior abertura – o que está longe de igualdade.

Somente em 1991, ou seja, 60 anos depois do Mundial do Uruguai, as mulheres finalmente ganharam um Mundial organizado pela FIFA. Foi na China, com a presença de 11 seleções: Alemanha, Brasil, China, Dinamarca, Estados Unidos, Japão, Nigéria, Noruega, Nova Zelândia, Suécia e Taiwan, vencida dessa vez pelos Estados Unidos<sup>6</sup>.

Desde a sua inclusão entre os esportes Olímpicos em 1990, o futebol praticado por mulheres cresceu enormemente em todo o mundo. Apesar do rápido crescimento global e o crescente número de futebolistas, ele permanece muito distante – em termos econômicos – da modalidade masculina. Os salários (onde já se profissionalizou, como é o caso da França e, mais recentemente, também no Brasil) ainda são irrisórios comparados com os dos homens – tomamos por exemplo os dos futebolistas das respectivas seleções nacionais, ou o das equipes que atuam na primeira divisão do futebol brasileiro<sup>7</sup>. Também é grande a diferença entre o que recebem em patrocínios, atuando nos mesmos clubes nas divisões, e o número de espectadores e telespectadores nas competições nacionais, ainda que um grande público seja atraído durante competições mundiais, como as Olimpíadas e as Copas do Mundo, transmitidas agora pelas principais redes de televisão.

---

6 “A segunda edição da Copa do Mundo de futebol feminino também teve 12 participantes. Entre 1999 e 2011, 16 seleções participaram dos mundiais. Já em 2015, houve um aumento para 24 vagas”. Disponível em: <https://www.esportelandia.com.br/futebol/copa-do-mundo-de-futebol-feminino/>.

7 Apenas em 2020 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) decidiu que pagaria o mesmo para homens e mulheres que atuam nas seleções brasileiras de futebol, assim como os prêmios seriam iguais. Essa é uma reivindicação de muitas futebolistas, e também de parte do público, como se viu na última Copa do Mundo disputada na França, onde a torcida gritou a palavra de ordem “equal payment” em uma das partidas.

## Trajetórias similares: perspectiva global

Quando se pensa no futebol praticado por mulheres no Brasil, a tendência dos estudos realizados é de vê-lo como uma trajetória singular e única, marcada por um contexto e acontecimentos locais (ALMEIDA; RIAL, 2019) que poderiam ser resumidos em algumas poucas palavras, numa linha de tempo que inicia em meados do século XX: relativa liberdade, festa caricatural, ditadura Vargas, proibição radical, ditadura civil-militar, silenciamento, abertura política, anistia política e liberdade da prática, invisibilidade, visibilidade relativa. No entanto, se observamos a trajetória do futebol em outros países, vemos que há mais semelhanças do que poderíamos esperar e que a condição das mulheres na Europa como na América teve muito pontos comuns, que impactaram diretamente o desenvolvimento dessa modalidade de esporte.

A trajetória do futebol “feminino” no Brasil já foi suficientemente analisada para que mereça uma nova abordagem (RIAL, 2015; RIAL; ALMEIDA, 2019). A trajetória francesa, por sua vez, é menos conhecida entre nós, e por isso me deterei nela. Na França, o evento crítico (DAS, 1998) para o futebol praticado por mulheres foi um pequeno anúncio em um jornal de Reims, a capital da região da Champagne, ao nordeste do país, famosa por sua catedral e por seu vinho branco *pétillant*. Um jornalista esportivo local, Elsey Geoffroy, convocava mulheres para participar de um jogo de futebol, no ano de 1969. Mas antes de nos voltarmos a esse momento, vamos retroceder 14 anos.

### Futebol caricatural

O futebol que já se praticava na França no início do século XX ganha um impulso, como vimos, com a Primeira Guerra Mundial, quando os homens nas trincheiras deixaram para as mulheres seus postos no trabalho, assim como na diversão. A primeira geração de futebolistas mulheres data dos anos entre guerras, mas o processo se estancará subitamente, durante a Segunda

Guerra Mundial e o governo colaboracionista de Vichy, que o proibirá em 1944. Como no Brasil, será durante um período ditatorial que as mulheres serão privadas desse esporte, e com as mesmas justificativas: sua proteção corporal.

Embora proibido apenas nos anos próximos da Segunda Guerra Mundial, a polêmica em torno da adequação dessa prática por mulheres lhe antecede. Já nos anos 1920 se tem cronistas tanto no Brasil quanto na França que apontam os perigos do futebol para a saúde das mulheres, fazendo especial alusão ao risco aos seus órgãos reprodutivos.

É interessante notar, como fez Almeida (2020), que foi justamente uma tradutora de artigos do francês para o português no *Jornal A Gazeta* que será a grande defensora da prática do futebol por mulheres. A jornalista que assinava com o pseudônimo de Cléo de Galsan escreverá artigos feministas reivindicando o futebol como uma arma importante na luta capaz de fortalecer as mulheres nas suas lutas contra o sexo forte (RIAL; ALMEIDA, 2019). Respondia assim a artigos franceses (e de colegas seus no jornal) que preconizavam sua proibição. As vozes que falavam contra a prática do futebol por mulheres não falavam só francês ou português; em todo o mundo os médicos higienistas conseguiam fazer chegar à imprensa suas teorias que criavam fronteiras rígidas entre os corpos das mulheres e dos homens. Se o “football feminino” era tema nas crônicas do jornal paulista *A Gazeta*, o mesmo não se pode dizer de jornais no Rio de Janeiro. Segundo Furtado e Machado (2018), a primeira vez que a expressão football feminino apareceu no *O Globo* foi em 1929, justamente em uma coluna que criticava as ideias que já então apareciam de deixar moças jogarem futebol, elogiando o Fluminense por, ao contrário, incentivar o vôlei feminino.

O artigo opina que o vôlei é mais adequado porque é um esporte mais “moderado, cuja prática não as exporia ao ridículo e, ao contrário, lhes seria absolutamente adequada, pois jogando com equipes em completa separação, sem contatos nem choques de corpos, com vestimentas que não atentam contra o decoro e a delicadeza do sexo” (FURTADO; MACHADO, 2018).

O futebol, como outros esportes como o boxe, não é considerado próprio para as mulheres. Como o escritor George Orwell mostra em um artigo de 1945, mesmo como espectadores elas eram muitas vezes excluídas:

Uma audiência de boxe é sempre repulsiva, e o comportamento das mulheres, em particular, é tal que o exército, acredito, não permite que elas assistam às suas competições. De qualquer forma, dois ou três anos atrás, quando os Home Guards e as tropas regulares estavam realizando um torneio de boxe, fui colocado de guarda na porta do corredor, com ordens para manter as mulheres de fora<sup>8</sup> (tradução minha).

## Espetáculo circense?

É animada a noite de 25 de novembro de 1930 no centro do Rio de Janeiro. [...] O 'Theatro Lyrico' é um dos maiores da cidade. Entre cadeiras, camarotes e galerias, recebe até 2500 pessoas por noite, e vai dos arredores da Praça Tiradentes até os pés do Morro de Santo Antônio (que hoje já não existe, perto do Largo da Carioca). Acostumado a receber grandes peças e óperas, recebe naquela noite o espetáculo do 'Grande Circo dos Irmãos Queirolo', um dos maiores do país. E uma novidade está prevista para o fim da apresentação, e é por isso que a maioria do respeitável público está lá. É dia de algo nunca antes visto: futebol feminino. [...] E adentraram no palco dez moças do 'bello sexo', como descrito nos jornais, formando dois times, um vestido de Brasil, outro de Uruguai e simplesmente jogaram bola, disputaram uma normalíssima, nos dias de hoje, partida de futebol (FURTADO; MACHADO, 2018)<sup>9</sup>.

---

8 "A boxing audience is always disgusting, and the behaviour of the women, in particular, is such that the army, I believe, does not allow them to attend its contests. At any rate, two or three years ago, when Home Guards and regular troops were holding a boxing tournament, I was placed on guard at the door of the hall, with orders to keep the women out" (ORWELL, 1945).

9 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol-feminino-foi-apresentado-ao-rio-em-1930-como-atracao-de-circo-22465968>. Consultado em: 19 jul. 2020.

Eram, moças ‘adestradas’, como a elas se referiu o *Jornal do Brasil* da época, como notam Furtado e Machado (2018). E seu público também podia ser o infantil, já que se apresentaram em matinês, revezando espetáculos noturnos com os vespertinos nos fins de semana.

O Circo decidiu até organizar um campeonato com os principais clubes da época. Em cada dia, as dez mulheres se apresentavam jogando bola com uma camisa tradicional. A estreia foi entre América e Andaraí. O torneio, que tinha as mesmas jogadoras, e só variava as cores das camisas, teve o apoio da Amea (Associação Metropolitana do Esporte Amador) organizadora de um dos estaduais da época. No passar dos dias, com a novidade esfriando, o campeonato acabou cancelado por falta de tempo, apesar da presença na plateia dos diretores dos times, que se divertiam. Precisando de mais novidades, o futebol feminino perdeu espaço para anões trazidos do Himalaia, e irmãos gigantes que, dizia o circo, tinham vindo diretamente de Nova York (FURTADO; MACHADO, 2018).

Embora desencorajado pelas organizações que controlam o esporte, o futebol continuou a ser praticado, de modo muito esporádico, pelas mulheres na Europa depois da Segunda Guerra mundial. E algumas partidas foram registradas por câmeras. Em 1955, a França jogava um amistoso na Holanda e cenas da partida foram difundidas no cinema, nas chamadas *Atualités*, que eram o jornal filmado que introduzia os filmes. O comentário do locutor francês que acompanhou as imagens é revelador do machismo da época e do modo caricatural como se representava na mídia o futebol praticado por mulheres, acentuando a sua gordura, vaidade, preguiça:

E pela primeira vez temos um jogo de futebol feminino na Holanda, e não há grande coisa a ver. A prudência, que nasce da cautela, deve ser também a mãe dessas jovens jogadoras que não parecem muito timoratas. Quanto à luta pela bola, ela não vai além do clássico drible para essas bailarinas do futebol. Enfim, sejamos compreensíveis, a goleira não pode mergulhar, pois quicaria de

volta. Quanto à outra, o seu cabelo crespo impede de cabecear. E depois, ao final das contas, por que não voltam para casa para fazer a faxina?<sup>10</sup> (tradução minha).

A escolha do editor de imagens é o de mostrar uma plateia, maioria de homens, mas com mulheres também, que parecem mais se divertir do que torcer. A proibição na França durará 17 anos, de 1944 até março de 1961, quando a Federação Francesa de Futebol oficialmente reconheceu o futebol praticado pelas mulheres. Ou seja, muito anterior à liberação no Brasil, que data de 1979. Mas na França, as mulheres terão de esperar até o final dos anos 1990 para que Aimé Jacquet, com toda a sua legitimidade de técnico vencedor da Copa de Mundo de 1998, abra as portas do centro de formação de Claire Fontaine para as jovens francesas aprimorarem a técnica, em uma decisão de repartir a estrutura que, ao menos teoricamente, as igualaria aos homens – teoricamente, porque, como vimos em um episódio recente, ocorrido em 2019, isto está longe de acontecer. A seleção principal de mulheres foi expulsa do centro de treinamentos de Claire Fontaine quando faltavam oito dias para sua estreia na Copa do Mundo – sediada na França. As anfitriãs do torneio foram obrigadas a ceder os quartos para a seleção masculina de futebol que, dias depois, faria um simples amistoso contra a Bolívia, em Nantes. Elas foram realocadas no centro de treinamento Domaine de la Voisine, na mesma região, e tiveram como consolação o direito de dividir a mesa do jantar com a seleção masculina em um encontro que o site da Federação Francesa considerou como “histórico”, o primeiro no Centro de Treinamento Claire Fontaine, destinado às seleções francesas

---

10 “Et pour la première fois on présente un football féminin en Hollande et il n’y a quoi de quoi faire un fromage. D’ailleurs la prudence qui émerge de la sûreté, doit être aussi la mère de ces jeunes joueuses que ne paraissent très timorés. Quant à la lutte pour la balle elle ne dépasse pas pour ceux ballerines du football jamais le classique chat. Enfin il faut comprendre que le gardien de but ne peut plonger car elle rebondirait. Quant à l’autre, son indéfrisable l’interdit de faire une tête. Et pourquoi ne pas entrer à la maison faire le ménage?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmkfUjSTdNU>. Consultado em: 3 ago. 2020.

mas, de fato, destinado à seleção de homens e eventualmente emprestado a de mulheres, como o episódio deixou claro.

Porém, se tivesse que escolher para o futebol praticado por mulheres na França<sup>11</sup> o evento crítico (DAS, 2018), sem hesitação apontaria o pequeno anúncio publicado no dia 9 de julho do ano revolucionário de 1968 em um jornal de Reims, a capital da região da Champagne, ao nordeste do país, famosa por sua catedral gótica e por seu vinho branco pétillant. Como um evento crítico na definição de Veena Das (2018), esse acontecimento rompe com a rotina cotidiana, com a estrutura anterior, introduzindo novas categorias e práticas sociais. Um jornalista esportista local, Pierre Geoffroy, convocava mulheres para participar de um jogo de futebol com uma chamada que tinha o título dubitativo de “Du football féminin à Reims?”<sup>12</sup>. Não imaginava que estava iniciando ali uma outra revolução como a que tomava as ruas de Paris alguns meses antes. De fato, sua intenção inicial estava longe de ser subversiva, ou sequer esportiva. A motivação por detrás do pequeno texto era ordem mercadológica: o jogo entre as mulheres seria organizado no intervalo de uma partida de futebol de homens, servindo para atrair mais público ao estádio. Imaginava-se que seria tão cômico quanto havia sido a luta livre entre anões ou tão atrativo como um desfile de misses. Geoffroy esperava que respondessem ao anúncio donas de casa e mulheres de meia-idade da cidade de Reims. Mas o que aconteceu foi que no dia marcado apareceram jovens entre 14 e 30 anos, estudantes, trabalhadoras de fábricas que queriam realmente jogar futebol, algumas tendo viajado muitos quilômetros para ter uma oportunidade.

---

11 Os dados apresentados a seguir, assim como todos os depoimentos citados, tiveram como fonte principal o excelente documentário de Yvonne Debeaumarché (*Les filles Du Stade de Reims: dès football le uses avant-gardistes*, 2013) e o documentário *Les Bleus-vec um E* (2017), difundido por France 3 no dia 18 de janeiro de 2014, às 15h20. Disponível em: <https://france3-regions.francetvinfo.fr/grand-est/emissions/les-documentaires/actu/les-filles-du-stade.html>. Consultado em: 4 ago. 2020.

12 “Por ocasião do torneio que terá lugar esse ano nos dias 24 a 26 de agosto, o União Esporte deseja organizar um jogo inédito entre duas equipes femininas de futebol. Jovens que desejem participar desse evento devem se apresentar na redação do jornal L'Union, na praça Vernon, numero tal”. Disponível em Jornal L'Union.

Quando li o anúncio peguei um short, um par de tênis, minha mãe perguntou onde eu ia e eu disse a Reims. ‘O que vais fazer em Reims’, disse. ‘Vou jogar futebol’. ‘Você é louca’, me respondeu<sup>13</sup>.

A intenção de fazer algo cômico foi logo descartada: “Elas eram tenazes, e algumas sabiam bem o que era uma bola”, disse Richard Gaud, o primeiro técnico da “equipe” formada pelo jornal.

Como sabiam o que era uma bola? Ghislaine Souëf, a ex-goleira Gigi, explica o que é uma razão muitas vezes evocada pelas jogadoras brasileiras: “Se você tem três ou quatro irmãos mais velhos, e um campinho perto de casa, qualquer tênis e bola fazem a diversão. Preferia isso do que brincar com uma boneca”.

## Boneca x a bola, subvertendo expectativas socialmente prescritas

A boneca *versus* a bola, uma oposição recorrente em muitas narrativas de futebolistas. Entre as francesas, porém, não temos nada que se aproxime do que viveu a brasileira Andressa Alves, que joga na Roma (2020), e antes disso jogou no Montpellier da França e no Barcelona e em diversas equipes. Ela pedia uma bola a cada Natal e sempre recebia bonecas. Bola não era visto pela sua família como um objeto apropriado para uma menina, brinquedos são artefatos generificados (CALDAS-COULTHARD, 2020). Cansada de tantas bonecas, resolveu do seu modo: arrancou a cabeça de uma boneca para jogar com ela, resignificando o objeto e lhe fazendo dobrar ao desejo subversivo para o seu gênero. Anos depois, já na seleção brasileira, ela foi mote de uma campanha de publicidade da fabricante de artigos esportivos Nike, “A boneca que nunca pedi”, com bolas integrando desenho de bonecas<sup>14</sup>, que mostra a transformação pela que passou o futebol praticado por mulheres ao longo do tempo e a sua maior permissividade para as meninas hoje.

---

13 Depoimento em *Les filles du Stade*, de Yvonne Debeaumarché.

14 Ver <https://www.youtube.com/watch?v=oTs8nIBIGCc>.

Por mais que as narrativas tenham elementos em comum, o contexto francês parece como menos repressor. Renée conta que chegava a participar dos jogos com os meninos na quadra de esportes na escola, mas, para isso, contava com a cumplicidade do professor<sup>15</sup>. E em outro depoimento também se confirma<sup>16</sup> a possibilidade, ainda que isso não estivesse previsto, de meninas jogarem futebol na escola. Impensável isso ocorrer no Brasil antes de 1979, pois aqui tínhamos uma legislação federal que interditava essa prática para as mulheres.

De onde veio o gosto pelo futebol? Muitas futebolistas, no Brasil ou na França, consideram que o futebol “está no sangue”. Nadine Juillard (que atuou no Stade de Reims entre 1968 e 1977) diz que nasceu gostando de futebol, que ainda pequena já chutava uma bola contra uma parede na casa da avó. O mesmo ouvi em vários relatos de brasileiras, o que, aliás, não difere dos relatos dos futebolistas homens, ainda que entre esses a bola tenha sido muitas vezes o primeiro presente de aniversário e tenham recebido uma camiseta do clube do pai (ou do avô) ainda bebês. Inato ou não, o futebol não era socialmente aceito para as brasileiras ou francesas, mas aqui a transgressão parece ter sido maior aqui do que do outro lado do Atlântico.

A reação dos pais aqui e lá não era a mesma. No Brasil, encontrei futebolistas que temiam que o pai descobrisse que jogavam futebol, pois isso seria visto como uma desonra familiar, um atestado de que eram homossexuais, o que colocaria a honra do pai da família em risco. Havia mães (como a viúva mãe de Marta Vieira da Silva, cinco vezes escolhida como a melhor futebolista do ano pela FIFA) que aceitavam que a filha jogasse com os irmãos. Mas são exceções, raras exceções<sup>17</sup>. E Marta nasceu em 1986, quando

---

15 “Precisava da autorização do professor, dependia de sua boa-vontade” (Renée Delahaye atuou no Stade de Reims entre 1973-1980).

16 “Havia curso de costura para as meninas e futebol para os meninos , eu iniciava com as meninas mas terminava na quadra com os meninos, porque não gostava (da costura)” (Isabelle Musset atuou no Stade de Reims entre 1973-1995).

17 Converso com Nefertari, que iniciou aos 16 anos. É filha adotiva de uma mulher muito rica, com casa na Barra, em Petrópolis e outros lugares no Rio de Janeiro, que a adotou

o futebol já não era ilegal no país. Na França, ainda que sendo uma subversão ao socialmente prescrito, não atingia de modo tão agudo a imagem familiar. Como se observa no depoimento de Christiane, mãe de Maryse Lessier, outra jogadora do Stade de Reims:

Eu disse sim, imediatamente. Eu dizia que eu preferia que minha filha fizesse um esporte [no caso, o futebol] ao invés de andar pela rua, para lá e para cá. Havia poucas opções para os jovens naquela época [...] Os vizinhos, os estrangeiros, pessoas de passagem diziam: ‘ah, eu não deixaria minha filha fazer isso’. Não havia muitas jovens que faziam isso.

Ainda que contassem com um apoio (raro) e mais frequentemente com a indiferença e desconfiança, as futebolistas francesas não tiveram que enfrentar a hostilidade familiar como as brasileiras. Elas tinham consciência de que essa não era uma prática socialmente prescrita para o seu gênero. Como reconhece Maryse Lessier (que atuou no Stade de Reims entre 1968 e 1973), ex-mulher de Pierre Geoffroy, “chutar uma bola era um pouco subversivo”.

As enquetes feitas por repórteres televisivos na época confirmam o que Ghislaine Souëff (Gigi) nos diz sobre o pensamento dos franceses na época:

A mulher não foi feita para jogar futebol. Ela foi feita para cuidar da casa, do marido e dos filhos, se tinham filhos. Mas não foi feita para o lazer. O seu lazer era ir ver o marido jogar futebol, ponto final. Ela praticar? Não.

---

quando a sua mãe biológica, que era sua empregada, morreu com 42 anos. O pai também tinha morrido com 42 anos. Essa mulher adotou 3 crianças: ela, um menino branco de olhos claros e um bebê negro que a mãe (com problemas mentais) estava dando na rua. A mãe adotiva sempre foi muito protetora e os defendia de racismo: era frequente quando iam a um restaurante chique; as pessoas estranhavam e ela gritava: são meus filhos! Ela começou a jogar futebol contra a vontade da mãe, que achava que a filha ia se tornar sapatão (Diário de campo, 2018).

Jogar futebol interessava às jovens que responderam ao anúncio, mas a rebeldia parava aí. “Era uma rebeldia suave. Nós queríamos jogar futebol, não tínhamos a intenção de dizer que éramos feministas, de modo algum”, diz Gigi. E Nadine Julliard completa: “Politicamente nós não estávamos engajadas, era o esporte pelo esporte”. E completa Michèle Monier: “Nós não éramos MNF<sup>18</sup> [feministas], nós não tínhamos consciência do que estava se passando”.

Do interesse das jovens pelo esporte também se deu conta cedo Pierre Geoffroy:

Pierre sentiu que detinha algo extraordinário, mesmo para ele, algo que fugia do normal, e que iria revolucionar o mundo do esporte e particularmente o mundo do futebol, diz Nadine. Ele percebeu que por trás do pequeno anúncio que tinha passado havia um grupo de jovens que não queriam jogar simplesmente uma partida circense, que tinham um desejo enorme de se exprimir nesse esporte.

## Das quermesses ao estrangeiro

Pierre Geoffroy percebeu que havia times de mulheres no estrangeiro, e também na França, especialmente na Alsace, mas sem qualquer organização.

E decidiu voltar a chamá-las para jogos na região. No início, conta René Delahaye, eram jogos em quermesses e outras festas populares, sempre aos arredores de Reims, o que servia para tornar o futebol feminino conhecido. Ainda que o início tenham sido difíceis: “Jogávamos em campos que não eram de futebol, que eram campos de pasto, onde traçavam uma linha mais ou menos na dimensão de um campo, mas havia merda de vaca,

---

18 *Movimento de Liberação da Mulher*, sigla do mais importante grupo feminista francês da segunda onda de feminismo, que surge nos anos 1970, cujos temas principais foram a contracepção e o aborto.

era bem folclórico”, conta Nadine Julliard. E acontecia de terem de cortar a grama antes da partida, pois o terreno disponibilizado tinha-a em uma altura de 10cm. “Às vezes eram terrenos estragados, com neve, nós jogávamos na neve. E os homens, quando há alguma neve, param em seguida”, Michèle Monierre lembra.

Elas dominavam toda a região, ganhando jogo após jogo. E foi então que surgiu uma excursão para a Tchecoslováquia, e a derrota de dez a zero: “Colocamos os pés na terra”, lembra Michèle. Aos tropeços, mas impulsionado pelo carisma e os contatos jornalísticos de Pierre, o Stade de Reims se afirma na cena esportiva francesa. Como correspondente de jornais importantes na França, como *L'Équipe*, Pierre Geoffroy publicava um artigo atrás de outro sobre o futebol feminino, fazendo-o existir mais na mídia do que no campo, tentando mudar as mentalidades da sociedade. Um artigo todas as semanas, antes e depois dos jogos, e aos poucos foi construindo um estado de espírito favorável ao futebol das mulheres. Não sem obstáculos. O próprio presidente do Stade de Reims, Serge Bazelaire, médico, seguindo teorias da época, preferia acentuar a diferença morfológica entre homens e mulheres, e afirmar a necessidade categórica de proteger os seios femininos. O que obrigou Pierre Geoffroy a inventar uma proteção peitoral, como um escudo em forma de soutien, usada a contragosto pela goleira Gigi durante anos, que o considerava muito desconfortável. Ou seja, apesar das festas, o futebol continuava sendo visto como algo perigoso para as praticantes, ou, ao menos, impróprio. Muito parecido com o que ocorreu no Brasil quando passou a ter o aval da Federação Paulista de Futebol, que criou regras especiais para o jogo das mulheres como o tempo mais curto, e, para ‘proteger os seios’, a proibição de controlar a bola no peito (ALMEIDA, 2013). Nunca ninguém pensou em criar um escudo para proteger a genitália masculina, claro.

Durante as partidas, as futebolistas do Stade de Reims, do mesmo modo que acontecia aqui com as brasileiras, ouviam todo o tipo de expressão desse machismo: “Volte para a cozinha lavar louça”, “Mulheres foram feitas para saltos altos e não para calçar chuteiras”. Não foi fácil, mas com o tempo isso foi mudando.

Fomos salvas pelo que produzimos no campo. Era uma surpresa. Quando jogávamos, eles diziam: ‘ah, mas elas sabem driblar’, ‘ela sabe matar a bola’, ‘viste o que a goleira acabou de fazer?’, ‘vistes esse passe’. Nós ouvíamos cada vez mais frases assim. Não que eles estivessem favoráveis ao futebol feminino. Mas estavam obrigados a reconhecer que nós sabíamos jogar futebol, contam Gigi e Mayse.

Depois de dois anos do anúncio, no verão de 1962, elas tiveram a oportunidade de explorar futebolis mais desenvolvidos, como na Itália. E, depois, nos Estados Unidos.

Na época tinha recém saído o Jumbo Jet, um avião da Boeing que tinha um calombo. E nesse calombo tinha um bar! Classe, eh? Nós estávamos como princesas. Chegamos à noite em New York e eu não acreditava. Eu me dizia: ‘Não é possível, eu estou na América, na América!’, lembra Mayse.

No anúncio do primeiro jogo em terras americanas, uma curiosidade. Ao invés de Reims x Roma, foi colocado no cartaz Paris x Roma – quem conhecia Reims em Nova York? Melhor usar um *valeur sur*, Paris, ainda que para isso tivessem que renomear o time. A excursão foi bem-sucedida, mesmo que seja um pouco exagerado o diagnóstico de Michele: “Fomos nós quem fizemos os Estados Unidos descobrir o futebol feminino. O *soccer* fomos nós que introduzimos, fomos as globe-trotters do futebol”, afirma convicta a ex-capitã do Stade de Reims.

Passo seguinte, criar uma Federação Francesa de Futebol como as italianas? Isso teria sido feito, se Pierre Geoffroy não tivesse conseguido convencer a Federação Francesa de Futebol a englobar a nova modalidade. E 17 de abril de 1971 ficou sendo a data do primeiro jogo oficial de futebol feminino na França, na sua segunda onda, poderíamos dizer. Curiosamente entre as seleções da França e da Holanda novamente, mas certamente os comentários de algum narrador então foram bem diferentes daquele anterior. O encontro é considerado o primeiro jogo oficial das “azuis”, como se

chama a seleção francesa de homens e agora também de mulheres. O futebol feminino estava oficializado.

A “Copa do Mundo” no México, em outubro de 1971, evento organizado pela F.I.E.F.F. (Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino, organismo italiano dissidente da FIFA), teve a participação da França e para lá se deslocaram de Boeing, em deslumbrantes uniformes azuis com camisas que lembravam o corte dos maoístas. Apesar de não oficial, pois a FIFA não havia ainda incluído a modalidade entre as suas, o estádio Asteca estava cheio em todos os jogos e consta que mais de cem mil pessoas viram as italianas perderem a final do torneio contra a Dinamarca, elas que, um ano antes, haviam organizado uma outra “Copa do Mundo”, na Itália, vencida contra a mesma Dinamarca. Participaram da competição na Itália cinco países além dos finalistas: Alemanha, Áustria, Inglaterra, México e Suíça. Sem o aval da FIFA, a competição na Itália recebeu o nome do seu patrocinador, *Martine Rosso Cup*. O novo torneio mundial que se organizou um ano depois no México teve seis participantes: Argentina, Dinamarca, México, França, Inglaterra e Itália.

Nós éramos superstars no México. Ali onde jogou Platini, eu joguei também. O estádio estava cheio, cheio. Às vezes olho (as fotos antigas) e não acredito, lembraria uma das futebolistas do Stade de Reims anos depois.

Após o México, fizeram o tour do mundo, seja jogando pelo Reims ou pela seleção francesa, também treinada por Pierre Geoffroy: Indosésia, Tailândia, Antilhas, Haiti (este duas vezes, em 1974 e 1978). As recordações dessas viagens contrastam frontalmente com as das brasileiras que disputaram a primeira Copa do Mundo com aval da FIFA, em 1991, na China. Também as brasileiras, graças ao esporte, puderam voar para países distantes. Mas enquanto as lembranças das francesas são agradáveis, as das brasileiras são dramáticas. Vejamos o que mais dizem as francesas:

Eu lembro que o termo que usávamos era ‘eu parto para uma turnê’. Quem parte em turnê são estrelas de rock. E nós dizíamos

‘turnê’”. Tudo era fabuloso para nós, nós jogávamos futebol, nós viajavamos, nós éramos um pouco estrelas.

Era um conto de fadas. Quando hoje se fala, não é grande coisa, mas na época era muito difícil viajar, poucas pessoas o faziam.

Uma vez no estrangeiro, Pierre Geoffroy incentivava que visitassem o lugar, que fossem como turistas, que tudo vissem e tudo degustassem, porque provavelmente não voltariam ali. Como conta Mayse: “‘Plein yeux, plein papilles’ e ao lado disso vocês joguem seriamente o futebol”. E nós aproveitávamos. Não era apenas hotel e campo de jogo. Nós visitávamos.

No Haiti, foram recebidas no aeroporto por limusines com batedores à frente, hospedaram-se em “casas de ricos”, foram filmadas à beira de piscina. Mas o olhar crítico das francesas não deixa de apontar também a pobreza do país, na época sob a ditadura de François Duvalier.

E as viagens para as brasileiras? A primeira Copa do Mundo FIFA disputada na China teve a participação do Brasil. Porém, lá, as futebolistas pouco saíram do hotel. E, sem um apoio como o que Pierre Geoffroy dispensava às francesas, até fome passaram, como me contou em um tom de denúncia Nefertari<sup>19</sup>, uma das chamadas ‘pioneiras’, numa conversa no Rio de Janeiro:

Quirogan e Giuli passaram fome na China, por isso perderam o primeiro jogo contra a Austrália. Elas não conseguiam comer a comida chinesa. E os integrantes da comissão [técnica] saíram para comer, mas elas não iam, e eles não traziam nada para elas. Quando chegaram no campo estavam fracas, não conseguiam correr.

A brasileira Giuli, que participou do jogo, tinha me contado a mesma história, porém entre risadas; a memória tendo transformado a experiência trágica vivida em comédia.

---

19 O nome de todas as futebolistas brasileiras citadas foram trocados para anonimizá-las.

Algo em comum entre as francesas e as brasileiras é a certeza de que, não fosse pelo futebol, nunca teriam conhecido tantos países. Como filhas de pequenos agricultores, de carteiros, de operários, lá, ou de empregadas domésticas, aqui, é o futebol que as levou para longe a partir dos anos 1980 e até hoje (RIAL, 2014).

De volta à França, outro golpe de marketing: Pierre Geoffroy convida a atriz-celebridade da época, Jane Birkin, para dar o chute inicial de uma partida – e para a surpresa de todos, ela aceita e vestida com o uniforme completo do Stade de Reims vai até o centro do gramado para iniciar simbolicamente a partida, a primeira final de um campeonato francês. Jane Birkin não apenas iniciou o jogo, mas se sentou no banco de reservas durante todo o primeiro tempo, com seu namorado de então, o também célebre compositor Serge Gainsbourg nas arquibancadas, tirando fotos. O jogo? Ganhou o Stade de Reims, claro. Uma hegemonia duradora, que permaneceu mesmo com o surgimento de outras equipes no país, pois o esperto Pierre Geoffroy ia buscar as melhores futebolistas das equipes francesas (e às vezes até no estrangeiro) para reforçar o time da Champagne. Estávamos ainda, nos anos 1970, em um regime amador. Para atraí-las, ele conseguia empregá-las em uma das empresas que patrocinavam a equipe, a *Marie Bonheur*. A Federação Francesa tolerava o futebol feminino, mas daí a patrociná-lo ia uma grande distância.

## Provas de feminilidade

Jane Birkin, ícone de feminilidade, ou empresas fabricantes de vestidos como a *Marie Bonheur*, prova que o marketing buscava associar a prática esportiva com os padrões de comportamento e de aparência socialmente desejados para as mulheres. E, no mesmo movimento, afastá-lo da ideia de que lésbicas praticavam o esporte. Aí também se identifica uma diferença entre os países. No Brasil, a segunda onda do futebol surge exatamente nas boates gays do Rio de Janeiro e de São Paulo (ALMEIDA, 2013), e a maioria de futebolistas era (e é) lésbica (RIAL; ALMEIDA, 2020), o que, no

entanto, deveria permanecer escondido do grande público, e ainda permanece. Na França, o preconceito existia, mas de um modo mais brando, como se pode ver nessa resposta de Pierre Geoffroy à pergunta de uma jornalista sobre se o futebol feminino não era o refúgio de “jogadoras an-dróginas”:

Sim, é. Mas isso não é um problema, desde que sob algumas condições. Em primeiro lugar, essas jogadoras não devem ser a maioria nos efetivos dos clubes. Deve haver um equilíbrio. As jovens que querem permanecer mulheres [sic] são conscientes desse problema.

Provar sua feminilidade foi uma cobrança para as jogadoras na França como no Brasil na época (ALMEIDA, 2013). Eram assediadas com pedidos constantes para que usassem vestidos, pintassem as unhas, se maquiassem para fotos de revistas, mesmo de revistas esportivas.

A cada vez, devíamos provar a feminilidade. O que significa uma prova de feminilidade quando se tem 14, 15 anos? Quando se é adolescente, não faz sentido o que é a feminilidade. Mas ao mesmo tempo os jornalistas sublinhavam isso [a ausência de feminilidade] porque sabiam que isso poderia machucar. Foi preciso se justificar sobre isso sempre, sempre. E basta olhar as imagens da época. A Gigi, filmaram ela passando roupa. Eu tive que dizer que era casada, uma mulher normal.

A visibilidade desviante é maior na França. Nem Pierre Geoffroy nem as futebolistas negam a presença de lésbicas entre elas, ainda que vejam a constante crítica na imprensa como perniciosa e maléfica, como diz uma das futebolistas do Stade de Reims:

O que nos feria mais era nossa identidade que era alvo. Havia no meio do futebol uma maioria de jovens que eram homossexuais. E havia uma caça às bruxas, ou seja, não estávamos [numa época] de casamento gay [marriage pour tous] como em 2013.

Ainda assim, o Brasil supera a França nesse preconceito. Sem nenhum constrangimento, a Federação Paulista de Futebol estipulou a beleza como requisito fundamental na escolha das mulheres para disputar o primeiro campeonato estadual que organizou. O embelezamento dos atletas estava entre os “principais objetivos” para o “sucesso do torneio”, que, segundo o presidente da Federação na época, Eduardo Farah, deve “exibir uma nova imagem do futebol feminino, reprimido por causa da atitude machista. Devemos nos esforçar para combinar a imagem do futebol com a da feminilidade”. Outro diretor do SPFF, Renato Duprat, foi ainda mais categórico: “Ninguém joga aqui com cabelos curtos, está no regulamento” (ARRUDA, 2001; ALMEIDA, 2013). Em vista desse regulamento discriminatório e chauvinista, uma das estrelas do futebol feminino brasileiro, Sissi, que jogava nos Estados Unidos na época, não poderia ter participado do campeonato paulista porque tinha cabelo muito curto.

As matérias da *Placar*, principal revista esportiva, também enfatizavam atributos considerados femininos (ALMEIDA, 2013), mas, curiosamente, não encontramos nessa segunda onda do futebol feminino no Brasil artigos tão virulentos como os franceses. Vejamos um exemplo de artigo que é citado no documentário de Debeaumarché. “Parem com o futebol feminino” foi a manchete do artigo que implorava a outro importante veículo da mídia esportiva, a revista *France Football*, que interrompesse a divulgação do futebol feminino, pois “sem se dar conta, vocês são cúmplices desse ‘não-exatamente-mulher’ (pas-tout-a-fait-femme)”. O futebol, dizia a matéria, deve “manter toda a sua virilidade e sua força”, “não é um jogo para mocinhas”, “mulheres são feitas para jogar com as mãos”, “[as futebolistas] não são mulheres, são selvagens”. Em um trecho, chegava a admitir que “é possível que algumas mulheres joguem bem futebol. Mas temos certeza de que esses músculos são mesmo de uma mulher?”.

O autor anônimo do artigo chega ao ponto de citar acadêmicas francesas feministas conhecidas, numa violência retórica que impressiona:

Quando leio suas matérias, me pergunto se as Nicole Mathieu e as Christine Burel são constituídas normalmente, e se não é um

médico especialista (no caso, o que se encarrega da mudança de sexo) que se deveria lhes oferecer ao invés da boa vontade que elas reclamam da Federação<sup>20</sup>.

O artigo revela mais uma diferença em relação ao Brasil. Muito cedo, pelo que se entende, se lê no jornal que as feministas francesas se ergueram contra a política discriminatória da Federação francesa, enquanto, no Brasil, nessa segunda onda, há um quase silêncio em torno do futebol feminino (RIAL; ALMEIDA, 2019), quebrado por Ruth Escobar quando organizou uma partida no estádio do Morumbi, em São Paulo, em 1982, como encerramento festivo de um festival de teatro. Faltou-nos uma voz como a de Cléo de Galsan, a jornalista que já nos anos 1920 defendia o futebol para mulheres dos ataques higienistas de médicos e de colegas jornalistas (ALMEIDA, 2020).

E o século XXI? Nem tudo mudou na hierarquia de gênero no futebol, desse lado como do outro lado do Atlântico, como se percebe pela expulsão das francesas da concentração às vésperas da Copa do Mundo ou, ainda mais eloquente, pela comparação entre os salários de homens e mulheres futebolistas nas seleções nacionais ou clubes. Tampouco a feminilidade prescritiva foi totalmente abandonada. Uma das ligas regionais francesas, a da Champagne Ardenne, por exemplo, escolheu como embaixadora do futebol feminino não uma futebolista, mas a ex-esposa de um futebolista famoso, Adriana Karembeu, ela mesma modelo, e loira: “Muito feminina, muito popular, e engajada no futebol”, justifica o presidente da Liga, Jean Claude Hazeaux. Mas não há dúvida de que as recentes Copas do Mundo e Olimpíadas, o protagonismo feminista de muitas das futebolistas – especialmente as dos Estados Unidos e do norte da Europa – fazem com que o futebol praticado por mulheres tenha hoje um papel social muito além do esportivo, contestando estereótipos e hierarquias de gênero.

---

20 Em *Les Filles du Stade*, 43min10.

## Considerações finais

A análise das memórias das futebolistas francesas mostra que a condição das mulheres na Europa como na América teve muito pontos comuns, que impactaram diretamente o desenvolvimento dessa modalidade de esporte. O futebol surgiu na mesma época, a do início do esporte no século XIX, atraiu como praticantes mulheres provenientes da mesma classe social, a subalterna, foi proibido mais ou menos na mesma época, no início dos anos 1940, nos dois casos por regimes autoritários – aqui Vagas, lá o de Vichi, e foi liberado a partir do final dos anos 1960, ainda que na França cerca de 10 anos antes do que no Brasil. Em ambos os casos, tiveram que enfrentar um forte preconceito e o constrangimento de constantemente afirmar a feminilidade de suas praticantes. Embora permitido, o futebol feminino continuou por muito tempo limitado por uma visão sexista dos papéis de gênero, que só aceitavam a presença das mulheres no campo se seus corpos fossem controlados: no caso, não eram corpos de mães que queriam, mas modelos sensuais.

O preconceito contra as futebolistas da segunda onda revelou-se maior no Brasil do que na França, especialmente quanto à lesbianidade de algumas das atletas. Assim como foi maior lá o apoio recebido do movimento feminista.

## Referências

ALMEIDA, Caroline. S. *Boas de bola: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ALMEIDA, Caroline. S. *Cléo de Galsan: protagonismo de mulheres nas páginas esportivas durante a década de 1920*. 2020 [artigo no prelo].

ARRUDA, Eduardo. (2001) 'FPF institui jogadora-objeto no Paulista'. Uol, 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1609200119.htm>. Consultado em: 15 ago. 2013.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Éditions du Minuit, 1979.

CALDAS-COULTHARD, Carmen. *Inovations and Challenges - Women, Language and Sexism*. London: Routledge, 2020.

DAS, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford University Press, 2018. p. 235.

DEBEAUMARCHÉ, Yvonne. *Les filles du Stade de Reims: des footballeuses avant-gardistes*, 2013.

FURTADO, Tatiana; MACHADO, Thales. Futebol feminino estreia em 1930 como atração circense no Theatro Lyrico, no Rio. *O Globo*, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/futebol-feminino-estrela-em-1930-como-atracao-circense-no-theatro-lyrico-no-rio-22468060#ixzz6SfvCBuzR>. Consultado em: 4 ago. 2020.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera, a history of omen and sports in Latin America*. Austin: University of Texas Press, 2019. p. 376.

LES BLEUS avec un E. 2017. Programa difundido pelo canal France 3, no dia 18 de janeiro de 2014, às 15h20. Disponível em: <https://france3-regions.francetvinfo.fr/grand-est/emissions/les-documentaires/actu/les-filles-du-stade.html>.

RIAL, Carmen. New Frontiers: the transnational circulation of Brazil's women soccer players. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (Orgs.). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London; NY: Routledge, 2014.

\_\_\_\_\_. Marta is better than Kaká: the invisible women's football in Brazil. *Revista Estudos Feministas*, n. 28, 2015. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys28/sport/carmen.htm>.

RIAL, Carmen; ALMEIDA, Caroline. *Futebol, lesbianidade e feminismo no Brasil*, 2019 [artigo inédito].